UMA LEITURA DA HISTÓRIA PELAS PÁGINAS DOS JORNAIS: SANTO ANDRÉ E O CONTEXTO DA GUERRA FRIA

Luiz Eduardo Correia

Mestre em Ciências, Comunicação e Artes pela ECA/USP,
coordenador de Comunicação da Prefeitura de Santo André.

“Os jornais são *termômetros* de seu tempo, mas cada qual mede apenas a *temperatura* dos seus *pacientes*. Um jornal retrata sua realidade conforme seus interesses, sob o ponto de vista de seus personagens protagonistas. Há, portanto, uma diversidade de discursos que se entrecruzam nos vários jornais. Discursos não poucas vezes contraditórios ou antagônicos. Retratam conflitos travados no interior da sociedade. Espelham os movimentos de avanço e retrocesso das muitas batalhas na disputa de hegemonia.¹

É, portanto, bastante complexa a leitura da História feita a partir das páginas dos jornais. Mas é justo no risco de suas muitas possibilidades que reside toda sua riqueza. O fundamental está nas escolhas, que servirão de bússola para a jornada. Viagem que pode estender-se ao sabor dos ventos, caso deseje o navegante. O tamanho da sua descoberta, no entanto, vai depender de até aonde conseguiu chegar.

Assim encontra-se o pesquisador diante do conteúdo dos jornais. Ao fazer suas escolhas, aponta os caminhos que pretende percorrer para chegar a seu objetivo. Para desvelar um acontecimento é preciso enxergá-lo em

suas muitas dimensões, cruzar os personagens e interesses e estabelecer as conexões possíveis. Sozinhos, porém, os jornais não dão conta do contexto mais amplo dos acontecimentos. As outras perspectivas encontram-se em outras bases de pesquisa (documentos oficiais, depoimentos, livros etc.). São as fontes que sustentam o noticiário jornalístico.

Não é menor, contudo, a importância do jornal para a pesquisa histórica. Não só porque em alguns casos é a principal fonte de informação, mas também porque está nas suas linhas e entrelinhas a pulsação dos fatos históricos. *Termômetros* que são, medem o *calor* dos acontecimentos opondo-se à *frieza* dos livros e da maioria dos documentos oficiais.

Há uns 58 anos, portanto, subia a *temperatura* política e social na cidade operária de Santo André. Nem é preciso uma leitura atenta dos jornais da segunda metade da década de 1940 para verificar que não só em Santo André, mas no Brasil e em todo o mundo se iniciava um novo tempo. Entrava em cena o período conhecido como Guerra Fria, com as nações divididas em pólos antagônicos. Uma, ligadas aos países capitalistas, outra, com orientação socialista.

Guerra Fria, com batalhas de dois tipos, conforme Carlos Fico: “O primeiro com retórica bastante agressiva, chegando às raias do delírio apocalíptico, especialmente praticado pelos serviços secretos e que, do lado americano, também se expressava através de propaganda política travestida de manifestação cultural, no cinema ou na literatura. O segundo estava ligado à efetiva condução política do poder, que as duas superpotências buscavam efetivar sem que dos conflitos (notadamente os referidos às disputas de demarcação) surgisse um confronto entre as respectivas forças armadas, ou seja, a guerra quente”.²

Nestes tempos, nos Estados Unidos era lançado o conceito de “contenção”, proposição defendida pelo diplomata norte-americano em Moscou, George F. Kennan (morto no último dia 17 de março, aos 101 anos). Estava dado o alerta para que as nações fundadas sob os princípios do liberalismo econômico e político fizessem frente ao avanço dos países comunistas no pós-guerra. O Brasil, sob os auspícios do fim da ditadura Vargas e do início de um processo de redemocratização, não passou ao largo do novo desenho geopolítico do planeta. Tampouco Santo André conseguiu

¹ Este texto é parte da dissertação elaborada pelo autor *A viagem interrompida: as eleições comunistas na Santo André da década de 40*. São Paulo: ECA/USP - Ciências, Comunicação e Artes (CCA), 2004.

² FICO, Carlos. *O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964)*. São Paulo: Editora Senac, 2000, p. 166.

traçar seu destino sem que seu cotidiano fosse golpeado várias vezes por movimentos que se davam em tribunas ou arenas políticas longínquas.

Por vezes, Santo André esteve no centro do debate político daqueles dias. Se não foi um protagonista constante, os acontecimentos do seu dia-a-dia foram suficientemente emblemáticos para marcar os efeitos da Guerra Fria em solo brasileiro.

Santo André foi um palco singular no teatro de peças políticas representadas no Brasil a partir de 1945. Nele apresentou-se uma peça, cujo roteiro conta a aventura da cidade que optou por eleger prefeito e uma bancada de 13 vereadores ligados ao movimento comunista. Acontecimento de cores inéditas no País, os candidatos “vermelhos” seriam impedidos de tomar posse de seus cargos. Foi o saldo de uma das milhares de batalhas travadas na Guerra Fria orquestrada pelos norte-americanos e soviéticos.

Os movimentos da batalha pela Prefeitura de Santo André, em 1947, estão estampados nas páginas dos jornais. Os vários títulos da época formam um mosaico do cenário político e social daqueles anos. Cenário constituído não só pelos jornais locais, mas contextualizado por aqueles de circulação mais ampla. Sem falar nos estritamente ligados a segmentos políticos específicos, caso do *Hoje*, publicação comunista que rivalizava com as outras convencionais a preferência pelo leitor nas bancas.

O candidato eleito prefeito, que não assumiu, foi Armando Mazzo. Marceneiro de profissão, líder sindical e deputado estadual, era militante do então extinto Partido Comunista do Brasil (PCB). Ele, e seu grupo, elegeram-se pela legen-

da do Partido Social Trabalhista (PST). Manobras jurídicas utilizadas pela direção nacional do PST – partido de sustentação no Congresso do direitista presidente Eurico Gaspar Dutra – levaram a Justiça Eleitoral a proibir a posse dos comunistas de Santo André. Decisão tomada à véspera da posse, 31 de dezembro de 1947.

São vários os olhares possíveis sobre o episódio. Conforme cada jornal, uma versão dos fatos. Algumas, complementam-se, outras, contradizem-se. Literalmente, o antagonismo entre os pólos comunista e capitalista na Guerra Fria encontrava radical correspondência nas páginas do comunista *Hoje* e do *A Noite*, do milionário empresário da mídia Assis Chateaubriand. Os outros jornais forneceram pistas importantes dos movimentos daquele tabuleiro político. Os semanários de circulação local, inseridos na disputa política municipal, dão conta do cotidiano. Já as grandes publicações de São Paulo retratam os vaivéns do Congresso Nacional e dos gabinetes das autoridades.

A Noite x Hoje – Durante o período em que o PCB esteve na legalidade, o *Hoje* cresceu com mesma rapidez que o Partido preenchia suas fileiras. Ficou célebre a campanha dos 5 milhões de cruzeiros, destinados a comprar a gráfica para a chamada imprensa popular. Arrecadados os fundos entre o operariado, o líder tecelão Sanches Segura, tesoureiro estadual do PCB, e o jornalista Joaquim Arruda Câmara partiram para Rio Grande do Sul em busca da rotativa. O *Hoje* foi fundado em outubro de 1945, tendo como uns dos principais colaboradores Caio Prado Júnior, que cedeu ao jornal parte do imóvel onde estava instalada a editora de sua propriedade.³

Foi um jornal de grande penetração junto ao numeroso contingente de operários dos núcleos de São Paulo, Santo André e São Caetano. Embora porta-voz do PCB, não restringia seu noticiário aos fatos políticos. Fazia com desenvoltura coberturas esportivas e culturais. Nas páginas do *Hoje*⁴ estava a declaração de apoio da estrela do futebol Leônidas da Silva, o *Diamante Negro*.

Uma inovação do *Hoje* foram os chamados *comandos*. Neles, uma equipe de jornalistas e fotógrafos fazia uma ampla radiografia de uma situação qualquer dos trabalhadores. Ou uma paralisação, ou blitz sobre condições de trabalho. O jornal destinava de uma a duas páginas às reportagens levantadas. Os textos eram agressivos:

“Os ‘comandos’ são integrados por numerosos repórteres e se fazem acompanhar de trabalhadores conhecedores da situação do pessoal que vai ser ouvido... no primeiro ‘comando’ organizado com mais carinho, ouvimos revelações interessantíssimas sobre a situação dos trabalhadores de Santo André. Um deles comentava que há mais de um mês não sabia o que era pão. Outro dizia textualmente e invocamos o testemunho dos operários da Pirelli para nos confirmar que o *prefeito de Santo André deveria ter o mesmo fim dos onze alemães... Enquanto estes matavam as pessoas em segundos, o prefeito Carvalho Sobrinho leva seis anos para matar um filho nosso*”.⁵

O *Hoje* mantinha colunas do movimento sindical, divulgava as agendas sociais dos comitês democráticos e ocupava-se do noticiário internacional. Principalmente dos feitos da União Soviética. Sua linha editorial estava ajustada à linha dura do leninismo. Segundo Dênis Morais, o jornal comunista de São

³ Site: www.al.sp.gov.br.

⁴ *Jornal Hoje*, 24 de novembro de 1945.

⁵ *Jornal Hoje*, 18 de outubro de 1945.

Paulo, bem como os demais órgãos oficiosos do PCB, era firmemente inspirado nas orientações anunciadas em 1920 pelo Komintern (Internacional Socialista), segundo as quais “os órgãos dos PCs seriam dirigidos por comunistas de absoluta confiança, que tivessem comprovado a sua devoção pela causa da revolução do proletariado. Os editores não podiam abusar da autonomia, nem levar adiante qualquer orientação que não concordasse inteiramente com a própria orientação do Partido”.⁶

O PCB estruturou uma rede de jornais em vários pontos do País, que formavam a rede da imprensa popular. Ao lado do *Hoje*, em São Paulo, estavam a *Tribuna Popular*, no Rio de Janeiro; *O Momento*, na Bahia; *Folha do Povo*, em Pernambuco; *O Democrata*, no Ceará, e *Tribuna Gaúcha*, no Rio Grande do Sul. Todos, alvos prioritários quando a repressão apertava o cerco aos comunistas.

Não era sem razão que as redações desses jornais eram sempre visadas a cada investida dos aparatos de repressão a serviço dos poderes Estadual e Federal. Nos momentos cruciais da curta vida política do PCB na legalidade (1945 a 1947), os jornais comunistas eram empastelados e suas sedes invadidas. Ao chegar a data próxima da posse dos “candidatos de Prestes” de Santo André, a edição de 1º de janeiro de 1948 do *Hoje* foi apreendida pela polícia. Dois dias depois, houve confronto a tiros entre comunistas e polícia durante uma batida na redação do jornal. O mesmo tipo de violência contra a imprensa comunista havia sido adotada quando o PCB tornou-se ilegal, em maio de 1947.

O *Hoje* acompanhou de perto a trajetória das eleições em Santo André. Como a cidade era um forte reduto industrial, os espaços para as movimentações na cidade eram generosos. Fiel à orientação partidária, seguia à risca o apoio

ao governador Adhemar de Barros. Até que houve o rompimento com a decisão da Justiça de pôr o PCB de volta na clandestinidade e a ordem de polícia de Adhemar para reprimir os comunistas. De aliado, o governador de São Paulo passou a traidor. Sem dúvida, o *Hoje* era porta-voz e agente mobilizador do proletariado dos principais centros industriais do Estado.

Se de um lado estava o *Hoje*, do outro, havia o *A Noite*. O jornal de Chateaubriand tinha uma linha editorial sensacionalista. Por vezes, soltava manchetes alarmantes ou outras, puramente especulativas, sobre os mais diversos assuntos. Até uma invasão de marcianos em Guarulhos chegou a ser noticiada com destaque. Mas era no apoio ao governador Adhemar e no ataque aos comunistas que o jornal baseava sua política editorial.

A Noite acompanhou com atenção o processo eleitoral de Santo André em 1947. Noticiou a preocupação com a “infiltração” comunista no PST, do senador Victorino Freire, líder do governo Dutra no Congresso e anticomunista ferrenho. Acompanhou as medidas judiciais da cúpula nacional da legenda para anular a chapa do PST em todo o Estado de São Paulo. Em 25 de outubro, por exemplo, sob o título “Domínio vermelho em Santo André” o jornal estampava: “O Partido Social Trabalhista registrou candidatura dos deputados comunistas Armando Mazzo para prefeito do município. Divididos os partidos democráticos. O vigário da cidade vizinha, ante a gravidade da situação, dirigiu particular apelo ao presidente Dutra e ao senador Victorino Freire”. Na edição do dia 28, Victorino Freire declarava: “...preferimos a derrota nas urnas a vencer com comunistas”.

Um dos aspectos que chamam a atenção no comportamento editorial do *A Noite* é a aparente proximidade com os órgãos de

repressão. Em vezes recorrentes, o jornal recorria às fontes do DOPS – Departamento de Ordem Política e Social, encarregado de combater o movimento comunista. Como demonstra a reportagem da sua edição de 5 de julho:

“A reportagem de *A Noite*, em contato com pessoas procedentes de São Paulo e de responsabilidade pública, colheu informações sensacionais de aspectos que envolvem, inclusive, a própria segurança do País pois, segundo informações prestadas pelas referidas pessoas, através do Porto de Santos passaram nestas últimas semanas vultosos contrabandos de armamentos. Por outro lado, elementos filiados ao Partido Comunista de São Paulo estão se articulando no sentido de intensificar uma campanha de descrédito dos poderes públicos e organizando também agremiações culturais, sob denominação ‘Castro Alves’, e grêmios recreativos em torno dos quais se congregam agora os extremistas e adeptos do credo vermelho”.

O curioso é que tema tão bombástico não tenha encontrado repercussão em outros jornais ou mesmo tenha tido seqüência nas edições posteriores do *A Noite*.

Ao lado do *Hoje* e do *A Noite*, vários outros jornais marcavam suas posições na arena dos discursos. *O Estado de São Paulo*, apesar de sua postura conservadora, não levava para sua cobertura o radicalismo de opiniões dos outros dois. Suas críticas aos comunistas ficavam geralmente a cargo de um ou outro articulista. Mas as reportagens mantinham uma certa sobriedade e equilíbrio no caso de Santo André. Exceção feita nos anos que o jornal esteve sob intervenção (de 25 de março de 1940 a 6 de dezembro de 1946), quando limitava-se a propagandear o chefe do Executivo, fosse Vargas ou Dutra.

⁶ MORAIS, Dênis. O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53). São Paulo: Editora José Olympio, 1994, p. 62.

A IMPRENSA LOCAL

As pistas das articulações dos grupos políticos de Santo André podem ser encontradas nos jornais locais. Semanários, na maioria dos casos ligada ao poder público, refletiam a dificuldade da elite andreense em unir forças para o enfrentamento com os candidatos comunistas. Dividida, a oligarquia política de então não estava sintonizada com os novos tempos eleitorais, principalmente em lidar com o eleitorado novo representado pela classe operária.

À exceção do *Hoje*, as publicações locais não eram reconhecidas como defensoras dos interesses dos trabalhadores da indústria. Embora alguns ainda tratassem dos problemas mais diretamente relacionados à população, como a carestia e a inflação, não eram publicações voltadas aos operários e dirigiam-se quase que exclusivamente à classe média.

Alguns eram calorosamente reacionários, carregados de um anticomunismo extremo. Caso do *Borda do Campo*, cuja linha editorial em muito lembrava o *A Noite*. No episódio em que Luís Carlos Prestes – a grande liderança comunista no País – declarou lutar ao lado da União Soviética, num hipotético conflito contra o Brasil e Estados Unidos, a manchete do *Borda do Campo* em 24 de março de 1946 era: “Caiu a máscara do partido comunista”. E, na mesma edição, as demais matérias não pouparam os seguidores do “cavaleiro da Esperança”. “Combate aos palhaços da Rússia”, “Morte ao comunismo” e “Pasmem brasileiros” foram alguns dos títulos de suas matérias.

O *Borda do Campo* continha também um forte conteúdo católico, sendo a religião várias vezes utilizada como arma contra os “vermelhos”. Em 1945, na edição de 5 de agosto, eram publicados os *Pensamentos de XI sobre o Comunismo*, cujo primeiro artigo dá uma idéia do conteúdo geral: “o comunismo bolchevista e ateu é sem-

pre um perigo ameaçador que tende a derrubar a ordem social e a minar os próprios fundamentos da civilização cristã”.

Em 2 de setembro do mesmo ano, editorial do jornal classificava o comunismo como uma seita de fanáticos: “O que caracteriza o Partido Comunista é o seu espírito de seita. Basta que se leiam os Estatutos que regem as hostes sinistras dos sequazes de Prestes para que se constate imediatamente que se trata de um agrupamento de fanáticos da pior espécie, de uma organização que nada tem em comum com os partidos genuinamente democráticos”.

Sobre o *Borda do Campo*, o pesquisador John French revela que: “o porta-voz do PSD em Santo André havia se preocupado de maneira especial com a legalização do Partido Comunista. Muito embora inicialmente animados pelo pequeno público presente ao primeiro comício do PCB em Santo André, os editores do jornal foram ficando cada vez mais alarmados com o progresso do ‘comunismo’ no correr dos meses em que o *queremismo* tomou conta das ruas. Em setembro (1945) não houve edição que não contivesse denúncias a Prestes, ao PCB e aos ‘comitês progressistas’. Propaganda anticomunista raivosa, extraída de fontes católicas e integralistas, tornaram-se características desse jornal retrógrado. Acusações irresponsáveis de perversão sexual, assassinato e ateísmo deixavam claro que a propaganda do Estado Novo ainda não morrera em Santo André”.⁷

Durante todo 1946, o jornal atrelado ao partido de Dutra seguia decidido em sua linha anticomunista. Numa das edições de maio, uma comemoração pela vitória dos Aliados na guerra virou “reunião comunista”. Detalhe: o prefeito-interventor Carvalho Sobrinho, apoiado pelo jornal e evidentemente não-comunista, estava no local. Num outro artigo, não assinado, dizia o *Borda do*

Campo que “a Rússia era a verdadeira pátria dos comunistas e a paciência do Brasil com o programa comunista de desordem, revolução, dinamite e destruição estava chegando ao fim. E advertia: quando chegar o dia em que as forças armadas saíam a caçá-los, não sobreviverão muitos comunistas para contar a história”.

O *Jornal de São Caetano*, fundado em julho de 1947 com o principal propósito de defender a autonomia daquele sub-distrito em relação a Santo André. Era udenista em seu conteúdo, mas apoiou Antonio Flâquer, do PDC, nas eleições municipais de novembro daquele ano. Não criticava com veemência os comunistas, mas não deixou de alertar sobre as dificuldades da candidatura Mazzo sob a legenda do PST. Após os resultados das urnas foi o jornal que mais defendeu a posse do comunista Mazzo como prefeito de Santo André. Os comunistas haviam declarado em suas propostas a defesa pela autonomia de São Caetano. Por isso o apoio tardio do jornal.

Um outro jornal importante em Santo André, *O Imparcial*, limitava sua neutralidade ao nome. Foi uma publicação ferozmente opositora à administração do interventor José de Carvalho Sobrinho. O jornal chegou a ser apreendido por censores e ficou quatro anos fora de circulação, quando Carvalho Sobrinho esteve na Prefeitura. Duas reportagens, de 16 de fevereiro e 8 de junho de 1946, dão uma idéia do grau de crítica ao então prefeito: “O fim de um aventureiro, José de Carvalho Sobrinho, inicia sua marcha a caminho da penitenciária” e “O charlatão José de Carvalho Sobrinho ainda é o prefeito de Santo André!!! (com exclamação e tudo)”. A publicação chegou a apoiar irrestritamente Adhemar de Barros e, em consequência, não atacava mais os comunistas. Pelo menos durante a aliança entre os carassujas, de Adhemar, e os comunistas, de Prestes.

⁷ French, John. O ABC dos operários: conflitos e alianças de classes em São Paulo – 1900/1950. São Paulo: Ed. Hucitec / Prefeitura de São Caetano, 1995, p. 114.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras relacionadas com o tema:

ABRAMO, Cláudio Weber. **A Regra do Jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BACCEGA, Maria Aparecida. **O campo da Comunicação**. In: T. G. Corrêa. *Comunicação para o mercado*. São Paulo: Edicon, 1995.

CARTA, Mino. **O Castelo de Âmbar**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. In: Carlos Nelson Coutinho. *Os intelectuais e o princípio educativo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, v. 2, cap. I.

IANNI, Octávio. **O Príncipe Eletrônico**. In: Carlos Nelson Coutinho. *Enigmas da Modernidade- Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, cap. VI.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa**. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). São Paulo: Editora Revan; Campinas-SP: UNICAMP, 1998.

MARX, Karl. **O 18 do Brumário de Luís Bonaparte**. v. 3. Trad. Leandro Konder. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PORTO, Mauro Pereira. O poder da televisão: relações entre TV e política. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Ed. Moderna. v. 8, jan./abril, 1997, p. 14-18.

ROSA, Mário. **A Era do Escândalo**. Lições, relatos e bastidores de quem viveu as grandes crises de imagem. Geração Editorial, 2003.

SEMERARO, Giovanni. **Da sociedade de massas à sociedade civil**: a concepção de subjetividade em Gramsci. Disponível em www.artnet.com.br/gramsci.

Filmografia

Todos os homens do presidente (All the president´s men, 1976, EUA). Direção: Alan J. Pakula.

A montanha dos sete abutres (Ace in the hole / The big carnival, 1951, EUA). Direção: Billy Wilder.

Primeira página (The front page, 1974, EUA). Direção: Billy Wilder

Mera coincidência (Wag the dog, 1997, EUA). Direção: Barry Levinson